

# **A representação da mulher negra em contos do livro *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo<sup>1</sup>**

**Jéssica Stefanny Gonçalo de Santana<sup>2</sup>**

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de autoria feminina; contos; representações; mulheres; Conceição Evaristo.

## **1. Introdução**

O trabalho apresentado neste resumo expandido tem como tema a representação da mulher negra nos contos de Conceição Evaristo, mais precisamente em contos do seu livro *Olhos D'água*, publicado em 2016 pela editora Pallas. Procuramos entender como se dá a relação da mulher negra com o espaço onde vive, a maternidade e suas relações afetivas, como esses temas estão presentes nos contos de Conceição e qual a importância disso para compreendermos a “escrevivência” presente na obra dessa autora. Mais ainda, como esse ‘dispositivo’ que a autora elaborou em sua própria obra ficcional é o elemento estruturador de sua escritura, de sua ficcionalização, do universo diegético de suas narrativas e de sua cosmovisão.

Durante o período colonial no Brasil, o negro não estava autorizado a escrever, para além disso, a maioria dos negros não eram alfabetizados, isso causou o apagamento dos afrodescendentes na historiografia brasileira, quando falamos de mulher negra esse apagamento é ainda maior. Nesse período o negro aparece descrito de forma subalterna, os homens são animalizados, são descritos como seres desprovidos de intelectualidade e rotulados pela malandragem, já as mulheres negras têm seus corpos sexualizados. Sobre essa sexualização dos corpos das mulheres negras, Affonso Romano de Sant'Anna traz em seu livro, *Canibalismo Amoroso*, a comparação entre a mulher flor e a mulher fruto: a mulher flor é a mulher branca, a mulher que está ali para ser vista, apreciada à distância, um ser quase angelical; já a mulher

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Severina Gomes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Pimentel Teixeira. Outubro/2020.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: jessicastefanny.js@gmail.com

negra é a mulher fruto, essa mulher existe para ser desfrutada, seu corpo é o espaço do prazer carnal, do pecado para o homem branco. Isso a torna, consequentemente, um ser inferior dentro daquela sociedade. Isso se dá porque o sujeito historicamente usa de sua posição social para manutenção do *status quo*, e na literatura isso não foi diferente. Conforme nos revela Norma Telles:

Tal qual um Deus Pai que criou e nomeou as coisas, o artista torna-se o progenitor e procriador de seu texto. À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente *outro*, confrontado com veneração e temor. O que lhe cabe é a vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora. (1997, p.403)

Todas as sociedades que tiveram na oralidade sua forma máxima de expressão cultural sofreram e sofrem repressão, por isso o processo de escrever é tão importante para a valoração da cultura negra e também como forma de resistência e de rebeldia dessas/es autoras/es, não aceitando o papel a elas/es imposto pela sociedade brasileira. Além da violência física que o negro arrancado de sua terra sofreu aqui no Brasil pelos povos colonizadores, ainda existiu a violência simbólica, a ele foi imposta outra cultura, outra língua, outra religião; e ademais de impor a esses povos uma cultura totalmente diferente das deles ainda demonizaram e posteriormente criminalizaram a cultura dos povos diasporizados do continente africano. Como afirma Telles: “Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações.” (1997, p.401)

Porém, apesar de toda a violência e tentativa de apagamento cultural, a cultura desses povos resistiu e continua resistindo até hoje. Ao se apropriar da língua do povo dominante, o povo dominado usa do instrumento de controle para propagar sua cultura, suas histórias, suas religiões. Reforçando essa ideia, Thomas Bonnici afirma que:

Através da apropriação o colonizado assume a linguagem (e outros itens como o teatro, o filme, a filosofia) do colonizador e a põe a seu próprio serviço. Portanto, é a maneira pela qual a cultura colonizada usa os instrumentos da cultura dominante para contrapor-se ao controle político do dominador. (2005, p.195)

## 2. Fundamentos teórico-metodológicos

O Brasil só deixa de ser uma colônia de Portugal em meados do século XIX. Este século foi marcado por várias transformações sociais e revoluções tanto na Europa quanto nas Américas, dentre os acontecimentos marcantes da época está o surgimento do feminismo, inspirado por ideias Iluministas e da Revolução Francesa. No Brasil a primeira onda do feminismo reivindica o direito ao voto para as mulheres; a segunda onda, na década de 1960, traz pautas como igualdade de gênero e direito ao trabalho não doméstico, e é apenas na terceira onda, na década de 1990, que o feminismo negro é colocado em pauta. Várias feministas negras apresentam várias diferenças entre o feminismo branco e o feminismo negro, a maior delas é que enquanto as mulheres brancas reivindicavam o direito ao trabalho fora de casa isso já era uma realidade para as mulheres negras, não porque elas conquistaram esse direito, mas por necessidade. Um discurso que ilustra bem essa diferença é o de Sojourner Truth, uma ex-escrava americana, na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu parti treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (E não sou uma mulher? – Sojourner Truth. Portal Geledés, 2014.)

O que o discurso de Sojourner Truth revela é que a discussão sobre as intersecções de raça dentro do feminismo já vinha sendo feita, de o feminismo se perceber vários e não universalizar quando se fala de mulher. Mas a verdade é que essa interseccionalidade só teve espaço durante a terceira onda do feminismo. Sobre o conceito de interseccionalidade, Carla Akotirene diz:

o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (2019, p.35)

E é também no século XIX que começa a acontecer um movimento de ruptura com o que já estava estabelecido e proposto pela tradição literária no Brasil. É nesse momento que as escritoras negras começam a aparecer no cenário literário brasileiro, mesmo que timidamente. A literatura afro-feminina é carregada de significado político, a produção de literatura pela mulher negra é uma revolução comprometida com estratégias políticas de emancipação e alteridade.

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALES, 1983, p. 225, apud, RIBEIRO, 2017, p.7)

Uma das escritoras brasileiras que põem a marca da negritude em seus trabalhos é justamente nossa sujeita de estudo, Maria da Conceição Evaristo de Brito, uma escritora e militante afro-brasileira nascida na periferia de Belo Horizonte (MG) no ano de 1946. Conceição só conseguiu concluir os estudos no curso normal aos 25 anos, pois conciliava seus estudos com o trabalho de doméstica. Já formada muda-se para o Rio de Janeiro, onde passou num concurso público para o magistério. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) formou-se em Letras, continuou sua vida acadêmica e se tornou mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

A obra de Conceição é em si um ato de resistência, além de enfrentar e escrever sobre a condição do negro na nossa sociedade, ela enfrenta também o sexismo por ser mulher num país machista como é o Brasil, e é desse lugar de fala que ela escreve, de mulher negra e militante pelos direitos das suas iguais. Suas obras estão contaminadas, como ela mesma gosta de falar, por essa temática, mas sem fetichizar a favela nem atribuir a sua escrita o realismo brutal.

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de *representação* da mulher negra na literatura. Assenhорando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de *autorrepresentação*. Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da *escrita*, como direito, assim como se torna o *lugar da vida* (EVARISTO, 2005, p.54 – grifos da autora).

Na década de 1980, Conceição Evaristo tem seu primeiro contato com o coletivo Quilombhoje, um coletivo cultural que é responsável pela publicação da série Cadernos Negros, livros que reúnem contos e poesias de artistas negros que não têm voz na literatura canônica. Foi em uma dessas publicações que Conceição fez sua estreia na literatura, em 1990.

O livro de contos *Olhos D’água*, objeto de estudo desta pesquisa, rendeu a Conceição Evaristo o terceiro lugar no Prêmio Jabuti de Literatura na categoria Contos e Crônicas, um dos principais prêmios literários do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

Conceição candidatou-se em junho de 2018 a uma vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL), para ocupar a cadeira de número sete, cadeira essa que já pertenceu ao também escritor negro Castro Alves. No entanto, o eleito para integrar a ABL foi o cineasta Cacá Diegues.

### 3. Resultados e discussão

No seu livro de contos *Olhos D’água*, assim como em todos seus trabalhos, sejam eles contos, poesias ou romances, o processo (e o dispositivo<sup>3</sup>) de “escrevivência” em Conceição Evaristo fica claro. Ela escreve a partir de um lugar de fala muito particular. A própria Conceição costuma dizer que sua escrita é contaminada pela condição de mulher negra, e isso fica claro quando lemos qualquer uma de suas obras. O lugar de onde ela veio e as histórias que

---

<sup>3</sup> Assim nos referiremos à ‘ferramenta’ que se constitui essa conceituação e verdadeiro dispositivo mesmo que produz Conceição ao longo de sua obra.

ela escutou de sua avó e de sua mãe estão presentes nos contos, mesmo quando não sendo de modo literal. A presença da sua ancestralidade e a realidade da periferia brasileira são muito marcantes nas suas obras, mas a autora não precisa necessariamente apontar isso na obra; é natural, é de fato, como a própria autora já disse, uma “contaminação” na sua escrita.

O termo “escrevivência” foi cunhado pela própria Conceição Evaristo em 1995 na conclusão de seu texto para um seminário sobre mulheres e literatura. O termo surge a partir das palavras “escrever” e “viver”. Conceição Evaristo afirma que a escrevivência (a partir de agora grafado sem aspas) das mulheres negras “não é para ninar os filhos da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. (2007, p. 21). Portanto, escrevivência tem a ver com autobiografia, mas não o é de fato: a escrevivência é contar histórias que, mesmo sendo particulares, remetem a experiências coletivas e, não sendo diretamente o recontar de uma memória vivida, não deixam de ecoar experiências da pessoa que escreve: ou seja, se trata de escrever/ ficcionalizar a partir de algo efetivamente parte da vivência daquela autora. O fato literal narrado pode não ter sido vivido diretamente por Conceição, mas foi presenciado, testemunhado, experienciado pela partilha da condição de mulher negra em contexto de favelas no Brasil e mediado pela ancestralidade que essa voz de mulher negra ecoa em sua própria constituição como ser cultural.

Sobre o processo de escrevivência, Melo e Godoy afirmam: “o que veremos é que resistir por meio da literatura é também reexistir, e para um povo cuja voz foi e é constantemente sufocada, a escrevivência se torna um recurso de emancipação.” (2017, p. 1289) e é justamente isso que Conceição Evaristo faz em suas obras, colocar o negro e, ademais, a mulher negra como personagem principal: dar voz a essas mulheres é, mais de que qualquer outra coisa, um processo de emancipação.

O sujeito na literatura negra não apresenta uma voz única, ele ecoa as vozes de um grupo, é a junção do Eu/Nós, sobre isso Orlandi fala: “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si”. (1988, p.11) É nessa relação e a partir dessa relação com o outro que surge o ato da escrevivência de Conceição, o ato de dar voz aos marginalizados.

A escrevivência, portanto, em Conceição Evaristo é o lugar de enunciação de um coletivo, o da mulher negra e pobre; é o lugar onde ela se redescobre como pertencente a esse grupo, e é através desse processo que ela dá a esse grupo, até então silenciado, voz e

visibilidade. A partir desse processo ela cria, intencionalmente, um lugar onde esse grupo, do qual ela também faz parte, possa se ver e se reconhecer.

Pensando na Interseccionalidade, no entrelaçamento gênero e raça, iremos analisar a representação da mulher negra a partir de uma análise interpretativa de contos do livro *Olhos D'água* (2014) de Conceição Evaristo e também fazendo um olhar retrospectivo a essa escrita sob o dispositivo da própria autora, como já afirmado, da escrevivência.

O conto *Maria*, por exemplo, é um retrato do lugar que a mulher negra historicamente ocupa na sociedade brasileira: Maria, a personagem principal, é uma mulher negra, empregada doméstica, pobre e moradora da periferia; além disso é também a representação da triste realidade da mulher que mais sofre com a violência no Brasil. Segundo o Mapa da Violência 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), no período de dez anos, entre 2003 e 2013, o número de homicídios contra mulheres negras aumentou 54%, enquanto o número de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8% no mesmo período. O corpo da mulher negra é o corpo marcado pela violência, no conto *Maria*, Conceição expõe essa dura realidade.

O conto em questão se inicia com a personagem principal reforçando o lugar de subalternidade que a mulher negra ocupa historicamente no Brasil, isso porque Maria é uma empregada doméstica que vive em condições precárias e necessita das sobras da casa da patroa para poder alimentar seus três filhos:

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela leva para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinha enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. Os ossos, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegará numa boa hora. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão?" (EVARISTO, 2014, p. 39-40)

Com esse trecho o leitor consegue perceber a qual lugar essa mulher ‘pertence’, ou seja, em qual espaço ela é forçada a se colocar. Logo em seguida, um homem entra no mesmo ônibus que Maria e ela o reconhece, era o pai do seu primeiro filho; esse homem passa um tempo conversando com Maria e logo depois anuncia o assalto. Quando ele e seu comparsa saem do ônibus, Maria começa a ouvir acusações de que estava junto com os assaltantes. Ouiu uma

voz: “Negra safada, vai ver que estava de conluio com os dois”. (2014, p.41) E ainda: “A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!*” (2014, p.42).

É interessante perceber nesses trechos que o termo “negra” está sendo usado junto com termos depreciativos, está servindo para reforçar o racismo, colocando a mulher negra não como vítima, mas como cúmplice e, consequentemente, culpada pelo desmantelamento social. Seguem as violências: “Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha...* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria.” (2014, p.42).

No conto “*Olhos d’água*”, Conceição faz da mulher negra uma referência matriarcal, algo que foi negado historicamente a essas mulheres. O poder da ancestralidade permeia todo o texto. A necessidade da personagem principal de saber qual a cor dos olhos de sua mãe a leva a uma busca pelas suas raízes, e não só as raízes brasileiras, mas as africanas também.

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe? (2014, p.15)

A valorização da cultura africana e da ancestralidade é vista em todo o texto. As referências a ritos de religiões de matriz africana, como em “fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos a cabeça para Rainha.” (2014, p.17), a valorização dos negros e do lugar de onde eles vieram, a quebra do estereótipo do corpo da mulher negra como talhado para satisfazer os desejos carnais dos homens brancos, colocando a mulher negra como rainha, algo que remonta à ordem social de muitos povos africanos, como também que funciona para elevar a auto-estima dessa mulher:

Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. (2014, p. 17)

O conto mostra a busca da personagem principal por suas raízes, representada pelos olhos da mãe, e a valorização das mulheres da sua família, uma valorização do matriarcado, representado pela avó, pelas tias, mãe e filhas, e a valorização da cultura africana, marcada no texto pelo reconhecimento da importância das Yabás:

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tanta sabedoria. (2014, p.18)

Entendemos que a urgência dessa filha em saber qual a cor dos olhos de sua mãe representa a necessidade e a busca em entender suas raízes, como já foi mencionado acima. Quando a personagem não se conforma em não saber a cor dos olhos de sua mãe, vai até ela para descobrir e se recusa a esquecer, demonstra a resistência da mulher afro-brasileira, o orgulho por suas raízes:

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. (2014, p.18)

#### 4. Conclusão

Segundo Rosemère Ferreira da Silva (2017) durante toda historiografia brasileira as mulheres negras foram retratadas para manter a hegemonia discursiva, hegemonia essa formada a partir do pensamento ocidental. A autora cita vários exemplos de personagens negras que reforçam o estereótipo criado pelo colonizador, como Rita Baiana do romance *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo e Fulô do poema “Essa negra Fulô” (1928), de Jorge de Lima.

No livro *Olhos d’água*, Conceição Evaristo dá à mulher negra voz, voz essa que por muito tempo foi silenciada; ela mostra uma cultura afro-brasileira ligada a sabedoria, a maternidade e a resistência, tirando o estigma do corpo negro sexualizado e quebrando a hegemonia imposta na historiografia brasileira. O que o trabalho apresentado neste resumo pretende demonstrar é como Conceição se utiliza do pessoal para atingir o universal, ou seja, ela se vale do recurso da escrevivência para falar por toda uma classe/ um gênero/ uma etnia e

sobre esse grupo, as mulheres negras brasileiras, ao dar-lhes voz, reafirma o seu compromisso com sua classe, seu gênero, sua etnia, mas sem ser apenas panfletária, a preocupação estética e a poeticidade em sua obra é notória. Conceição Evaristo desafia o cânone literário brasileiro e mostra que ele precisa ser expandido para que todos os “Brasis” sejam vistos e ouvidos.

## 5. Referências

- AKOTIRENE, Carla. INTERSECCIONALIDADE. São Paulo: Pólen, 2019. 152p.
- BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. Léguas e Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural, Feira de Santana, v.4, n.3, p. 186-202, 2005.
- E não sou uma mulher? – Sojourner Truth. Portal Geledés, 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 12 de ago de 2020.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d’água. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli, “Incompletude do Sujeito” in Sujeito e Texto, São Paulo/PUC/1988, p.11
- MELO, Henrique Furtado de; GODOY, Maria Carolina de. (Re)tecendo os espaços de ser: Sobre a Escrevivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro. In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 5., 2017, Lecce. Atas... Lecce: Università del Salento, 2017. p. 1285-1304.
- RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017. 112 p.
- SANT’ANNA, Afonso Romano de. O canibalismo amoroso. S. Paulo, Brasiliense, 1984.
- TELLES, Norma del. Escritoras, escritas, escrituras in DEL PRIORE, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.